

# A crise atual da história \*

*Ernst Troeltsch\**

Quando se houve falar hoje, repetidamente, de uma crise da ciência histórica, neste caso trata-se menos de uma crise da pesquisa histórica dos estudiosos e dos especialistas que do pensamento histórico dos homens em geral. As edições críticas e o trabalho com as fontes, a arte da identificação de relações entre os eventos por meio da pesquisa e da ampla comparação dos testemunhos, a complementação e reavivamento destes por intermédio de uma das características gerais de um período a partir de inúmeros exemplos da psicologia histórica ou científico-social: todos estes tornaram-se métodos e recursos de uma ciência cada vez mais exata, e que os especialistas podem a toda hora aprender e analisar criticamente. A aplicação destas técnicas aos períodos estabelecidos das formas mais diversas, cada vez mais curtos e difíceis de contemplar, a contínua repetição do mesmo trabalho por meio da utilização de tais recursos, da tentativa de realizar uma nova interpretação ou ainda, simplesmente, da crítica do grau de exatidão de um predecessor: isso traz à luz uma enorme abundância de pesquisas históricas, e que, de tempos em tempos, precisa ser trabalhada, coligida e, por assim dizer, codificada em grandes compêndios. Some-se a isso os instrumentos das diversas línguas e filologias, da paleografia e da diplomática, da biblioteconomia e arquivística, das viagens e do testemunho ocular direto, bem como das ciências geográfica, jurídica, econômica e das demais ciências auxiliares, sem as quais a interpretação das fontes e a contemplação viva do passado não seriam possíveis.<sup>1</sup>

Crise e alteração não podem ocorrer nesse quadro enquanto se der a devida importância à verdade, ao rigor científico e a uma exatidão o mais próxima possível das ciências naturais, enquanto não

---

<sup>1</sup> Seção inicial do primeiro capítulo de *Der Historismus und seine Probleme*. Tübingen: J.C.B. Mohr (Paul Siebeck), 1922, p. 1-11.

se busquem excitações da fantasia e do espírito à custa de romances mais ou menos sugestivos, ou evidências incontestáveis de determinadas teses e interesses. Com grande empenho, desde os maurinos<sup>7</sup> e os grandes historiadores de formação filológica do século XIX, a ciência histórica foi elevada a este nível, e suas realizações, desde então, crescem extraordinariamente em amplitude, riqueza e rigor. Não se pode abdicar de nada disso sem que se abra mão da grandeza da cultura científica mesma, da segurança, da clareza, do ensino do ofício, sem os quais a mais elevada e nobre arte e maestria são impossíveis. Certamente, é de se imaginar que tenhamos chegado a um ponto em que a tarefa está, de tal forma, simultaneamente aprimorada e dilatada, que ultrapassa nossas forças, e que uma grande ciência ainda passível de ser dominada quando de seus inícios não mais o seja, de maneira tal que repousa hoje como um grande torso. Nas artes, da mesma forma, a tradição e a estabilidade dos ofícios ao longo dos séculos, da baixa Idade Média até a Revolução Francesa, foram quebradas e postas abaixo, abrindo espaço para a experimentação e a perspectiva mais pessoais ou para as demandas do mercado e do jornalismo. Na própria atividade da pesquisa histórica, contudo, tal fadiga e esmigalhamento não se fazem notar ainda. Todavia, os perigos da especialização naturalmente aumentaram muito. Eles são inevitáveis em toda ciência que se expande e aprofunda, e que repercute as concepções de seus mais antigos fundadores, àquela época ainda homogêneas. Mas contra tais perigos podem contrapor-se a vontade de concentração e a organização planejada do trabalho. As academias e associações de historiadores, os mestres influentes em seus seminários e círculos de alunos, podem dividir os problemas entre si e reunir pessoal. Contemplados com os elevados dotes da criação, os grandes mestres podem processar e dar forma à massa de dados, e deste modo indicar os caminhos de novas áreas de trabalho. Assim faz hoje a ciência histórica. Um homem como Mommsen era um mestre em ambas as coisas. Não existe qualquer limitação intrínseca em se ampliar esta sistemática sempre e cada vez mais. A redação de livros de forma arbitrária e sem um planejamento prévio torna-se cada vez mais rara, a síntese fica reservada aos mestres e é discutida por seus discípulos. A mera fábrica de teses de doutorado e livros didáticos pode ser restringida, se bem que para o talento e a dedicação nunca faltam oportunidades de trabalho, a sorte na pesquisa e a alegria da descoberta. A ciência torna-se um tanto impessoal, mas esta é a sua essência. O esboço e o olhar espontâneos tornam-se cada vez mais raros, resultados precisam ser esperados mais pacientemente. Mas isto é inseparável de uma ciência madura e plenamente desenvolvida. Nas ciências naturais as coisas não se dão de outro modo.

Não é aí que reside a crise. Porque não haveria como ser de outra forma, e estes caminhos de forma alguma foram trilhados até o fim. Pode ser difícil digerir tanto conhecimento e manter sob domínio o dilatado material. Mas a produção sem sentido de livros e a quantidade absurda de escritos (*Vielschreiberei*) das últimas décadas já era de toda forma desnecessária. Se a juventude atual, acusada de “a-histórica”, até onde o é de fato, se desespera com o gigantesco alimento por meio do qual deve se sustentar, então é perfeitamente compreensível este primeiro espanto de aprendiz. Todavia, este é o destino de todas aquelas culturas maduras ou que envelhecem, e que reúnem em si muitas premissas. Basta confiar nos líderes certos e ter um pouco de instinto quanto ao essencial, que se pode, apesar de tudo, sobreviver. Com isso pode e deve advir uma certa economia e planejamento do desenvolvimento das forças, um desfazer-se do que é superado e uma renúncia à equivocada idéia de um conhecimento integral da literatura. Porém, a destruição de uma sólida e abrangente formação histórica, assim como do próprio conhecimento histórico, só poderia ser entendida como uma opção pela barbárie, e seriam exequíveis apenas na hipótese de um retorno de todas as demais esferas da vida à barbárie. Todavia, de maneira alguma há como se desejar e propor algo assim, tão pouco quanto o foi o efeito do tédio de Rousseau sobre uma pseudo-cultura. A opção pela barbárie, que para muitos hoje nos ronda como espectro ameaçador ou como salvação sedutora, é, onde se instala, a conseqüência de amplas transformações mundiais, e não a resolução de uma juventude afogada em livros. Ela é o epílogo melancólico e lentíssimo de culturas senis, e não uma alegre redenção na força e no frescor. Precisamos continuar a carregar nosso fardo. Podemos perceber isto e ainda assim transferir a responsabilidade a outrem. Mas como todas nossas aquisições e recursos estão ali, não podemos simplesmente nos desfazer de tudo. Também nós, das gerações mais velhas, vivenciamos e sentimos tudo isso em nossos anos de juventude, mas finalmente conseguimos recobrar o fôlego e as coisas retomaram seu curso. Só que, antes, tais coisas normalmente aconteciam em silêncio. Hoje tudo se dá de forma mais aberta e interessante, embora o resultado, no fim das contas, também não seja muito diferente.

Se não se trata, porém, de uma verdadeira crise no campo da *pesquisa* histórica, se seria um suicídio espiritual a sua demolição, *tão mais grave é a crise dos fundamentos filosóficos gerais e dos elementos constitutivos do pensamento histórico*, bem como da concepção dos valores históricos a partir dos quais pensamos e construímos a teia (*Zusammenhang*) da história. Desde os anos cinquenta, a pesquisa histórica acadêmica alemã afastou-se dos grandes e abrangentes quadros histórico-universais, tal como ainda era comum

antes do pensamento de Ranke. Em parte a história é dividida em sub-disciplinas voltadas para diversas áreas e períodos, em parte a moderna história européia orienta-se exclusivamente para a fundação do *Reich* por Bismarck numa perspectiva político-militar-diplomática. Na verdade, entretanto, há muito os conceitos dos valores históricos da cultura européia transformaram-se a partir de dentro. Face a essa fragmentação e esvaziamento da representação histórica, visivelmente surgiu uma gigantesca ânsia de concentração da vida histórica em forças e fins uniformes, de interpenetração dos valores históricos numa totalidade espiritual e vital. Não apenas isso: os próprios valores históricos são novamente postos em ação e aspiram a uma nova seleção, síntese e configuração. De um lado, Karl Marx e os que pensam como ele lentamente esgotaram a concepção convencional da pesquisa histórica, pregaram novos meios de explicação e novos objetivos. O efeito foi e é imenso, se bem que percebe-se, precisamente agora, as fragilidades de suas construções históricas. De outro lado, Friedrich Nietzsche não teve uma influência menor na demolição do conjunto dos antigos valores, e ensinou assim uma nova psicologia de entendimento da história européia. Tal psicologia pretende-se tão unilateral e perigosa como de fato o é, e tornou-se também, desse ponto de vista, tremendamente influente. Então veio o pessimismo francês e a crítica cultural dos estetas, ao qual se juntou o contra-ataque de Bergson e da juventude francesa. Na Itália, Croce deu novos rumos à pesquisa histórica. Na Inglaterra, H. G. Wells sacudiu a consciência histórica inglesa em seu *Outline of History*. Ademais, advieram influências, talvez menos intensas, mas ainda assim suficientemente fortes, das revigoradas história da religião e história cultural, as quais derrubaram a tradicional concepção histórica protestante-liberal-prussiana ou agnóstico-nacionalista-imperialista. Ou que mostraram a relação entre Antigüidade, época gótica e modernidade sob uma luz completamente diferente, e que, sobretudo, utilizam-se da arte como chave para compreensão das características espirituais coletivas. Tudo isso se confronta com um sistema de valores (*Wertung*) já estabelecido, com um meio sem qualquer originalidade e energia, que, contudo, disso nada parecia perceber, mas que para a juventude, em especial, se tornou cada vez mais impotente e desinteressante.

E então veio o grande e terrível teste de todas as teorias históricas que haviam surgido num tempo de paz ou de prosperidade e que projetavam seus sistemas de valores, como se fossem auto-evidentes, no progresso futuro. Guerra mundial e revolução foram uma lição de contemplação histórica de uma violência terrível, avassaladora. Nós não teorizamos e construímos mais sob a égide de uma ordem que a tudo abarca e que torna inofensivas as mais ousa-

das ou ambiciosas teorias, mas sim em meio à tormenta da reestruturação do mundo, na qual toda sentença antiga pode ser posta à prova quanto ao seu efeito prático ou à sua ineficácia, na qual incontáveis coisas se tornaram meras frases e papel, e que antes pareciam dotadas de uma seriedade solene ou que de fato o eram. Porque o solo treme sob nossos pés e ao nosso redor circulam as mais distintas possibilidades de desenvolvimento ulterior, sobretudo e obviamente nos lugares onde a guerra mundial significou, simultaneamente, uma transformação total – na Alemanha e na Rússia.

De fato, esta é agora uma crise do pensamento histórico, e é evidente que ela se faz sentir principalmente na juventude, a qual vive mais fortemente o efeito de novas idéias e do destino que a maior parte dos mais velhos, e que, acima de tudo, terá de dar forma a seus destinos vitais a partir deste caos. Ao mesmo tempo, isso é para ela um problema teórico e prático, e de uma força tão inaudita que se torna compreensível que uma grande parte da juventude ignore tal problema e que nele só se vislumbre plenamente o que há de vivaz, dinâmico, irrealista ou filosoficamente excitante. De certo, seria um erro acreditar que os mais velhos não o percebam claramente. Mas eles não assumiram as conseqüências do novo na mesma medida que a juventude. Nestas questões, é sobretudo ela quem por direito tem a palavra e a vocação, senão para a solução da crise, pelo menos para o exigir apaixonado de novas soluções.

Como eu, de minha parte, penso a solução da crise, só será formulado ao final destas páginas. Aqui no início, trata-se simplesmente de reconhecer formalmente a crise enquanto tal, mas também de distinguir com rigor a situação da pesquisa técnico-histórica da situação do pensamento histórico-filosófico. A crise reside basicamente no segundo, e apenas de passagem no primeiro problema. Isto significa, porém, que a situação crítica do segundo não deve ser entendida sem mais nem menos à primeira. Também naquela há muito de ultrapassado e convencional, mas, no essencial, ela está saudável do ponto de vista científico. No segundo, pelo contrário, dá-se uma alteração de todo o sentimento vital e impõe-se uma ânsia de plenitude e totalidade, que, todavia, nos é imprescindível. Aqui, é preciso que algo novo seja criado a partir de um sentimento vital independente, mas nós não queremos destruir, desprezar ou difamar nossa ciência. A situação atual põs abaixo tantas coisas que o desejo de notoriedade a qualquer custo (*Herostratum*) nesse campo poderia tornar-se duas vezes mais perigoso. O rigor e a objetividade, a solidez e a honestidade da ciência alemã serão, por muito tempo, um dos pilares da nossa posição no mundo e uma expressão de nossa especificidade.<sup>2</sup>

Portanto a crise reside nos elementos e nas implicações filosóficas da pesquisa histórica, naquilo que se pode chamar sua interação com e seu significado para a visão de mundo, embora a relação seja plenamente recíproca: o significado da história para a visão de mundo e da visão de mundo para a história. Aquele que procura um nome para todo este conjunto de problemas só poderá designá-lo como o problema da *filosofia da história*, da mesma maneira que se trata de designar problemas análogos das ciências naturais como filosofia da natureza. Certamente, ambos os termos foram estabelecidos outrora de forma unilateral para determinadas teorias (*Problemlösungen*), tanto para a filosofia da natureza de Schelling e suas sucessoras quanto para a filosofia da história hegeliana e suas congêneres. Para muitos, ainda hoje, tais termos parecem suspeitos. Porém, não é desejável que nos privemos de termos tão imprescindíveis, não se devendo, assim, limitá-los unilateralmente apenas àquelas antigas teorias. Pois elas significavam apenas uma possibilidade de solução entre muitas, de sorte que, nessa perspectiva, ambas não são mais viáveis. O problema da filosofia da natureza pode ser deixado de lado aqui. Mas quanto à filosofia da história há que dizer, de antemão, que ela não pode mais ser entendida como uma sistematização e dedução da história. O termo filosofia da história e seu problema significam atualmente apenas, muito genericamente, as relações da história com a visão de mundo (como já foi dito acima), os pressupostos filosóficos e as conseqüências da pesquisa histórica. A questão reside exatamente em redescobrir uma colocação e ordenação correta destes problemas, e que seja expressão das demandas do momento atual.<sup>3</sup> Este é um problema que se formula sempre a cada mudança importante de geração, desde que o Iluminismo, interessado fundamentalmente nas ciências naturais e em rápidas soluções utilitário-práticas, deu lugar à auto-consciência histórica e ao pensamento histórico. Desde a grande reação internacional à Revolução Francesa e a concomitante revolução – de espécie totalmente diferente – espiritual da filosofia e poesia alemãs clássicas, ao lado das ciências naturais e sua forma de avaliação filosófica se impôs por toda parte uma perspectiva ao conjunto da moderna ciência em todos os países – por toda parte e de forma particularmente intensa onde, por quaisquer razões, a educação convencional foi reduzida a uma auto-contemplação histórica. Isto é: tal perspectiva se faz sentir menos entre os anglo-saxões que entre os povos do velho continente europeu, constantemente agitados política, social e filosoficamente; e é ainda mais intensa na terra da dura e duradoura sina, a Alemanha.<sup>4</sup>

Visto sob esta perspectiva, o problema significa certamente uma questão fundamental relativa à nossa vida espiritual atual – nada menos que o *problema do assim chamado historicismo*, isto é, das

“vantagens e desvantagens” resultantes da historicização integral de nosso conhecimento e pensamento para a formação de uma vida espiritual pessoal e para a criação das novas formas de vida político-social. No século XVIII a historicização seguiu-se lentamente à naturalização ou, melhor dizendo, à matematização do pensamento, e surgiu sob a égide de necessidades práticas simultaneamente com o Estado moderno e com a questão de sua auto-compreensão e auto-justificação, para então ascender poderosamente com o romantismo e determinar o pensamento moderno a partir de seus fundamentos, e até mesmo submeter nossa concepção da natureza na forma de um conceito geral de evolução. Ela, a historicização, tornou-se a força motriz das visões de mundo que substituíram o dogmatismo do Iluminismo e da Revolução Francesa. De forma que existe hoje uma imensa pesquisa histórico-empírica assentada na biologia dos seres vivos de nosso planeta e que inicialmente esforçava-se por obter uma inspiração filosófica à custa de influentes sistemas histórico-filosóficos. No início, enquanto se tratava basicamente do entusiasmo que temos com a pesquisa histórica, e enquanto a pesquisa histórica significou a libertação do conceito matemático-mecânico de natureza, tal historicização sem dúvida deu tremenda profundidade e ânimo à vida espiritual em todos os campos; primeiramente ela nos ensinou a **compreender arte e literatura; e, em especial, com seu pathos**, ela acompanhou e deu conteúdo à criação dos Estados Nacionais. Mas então sua crescente massa de dados tornou-se esmagadora, a impressão causada por modalidades de estruturação em constante mudança e contraditórias entre si, e as polêmicas da crítica das fontes criaram uma atmosfera cética, a reaproximação da história com as ciências naturais teve um efeito determinista e hostil contra toda forma de grandeza e heroísmo, o parentesco de suas grandes sínteses com as representações artísticas levou-a ao relativismo do esteticismo, assim como a rigorosa objetividade dos estudos específicos das fontes sucumbiu à especialização. O que antes fora uma libertação e um elevar-se, tornou-se um ônus e uma fonte de desordem.

Por estes motivos, a filosofia parcial ou totalmente desvanecida desde 1848 dedicou-se, tão logo foi relativamente reavivada, aos confrontos primeiramente com o naturalismo mecanicista, e, mais tarde, porém de maneira ainda mais vigorosa, com a história. Antes difamada e praticamente extinta, a filosofia da história despertou novamente e realiza avanços cada vez maiores. A catástrofe mundial da grande guerra contribuiu com sua parte. Assim, pode-se falar hoje de um evidente renascimento da filosofia da história. É a partir dela que se obterá a resposta para nossa questão inicial. Pois a resposta, de fato, não pode ser dada por meio de aforismos isolados e de reflexões mais ou menos sutis sobre o tema; ela só pode ser encontrada depois

que se obtiver um domínio fundamentalmente filosófico da essência da história e da questão de sua meta e conteúdo espirituais.

Trata-se então, num primeiro momento, de descrever o sentido e a essência da própria filosofia da história, como ela chegou a esta situação e às suas misérias. Somente a partir daí se poderão colocar e responder todas as demais questões.

Tradução: Sérgio da Mata

## Notas

<sup>1</sup> Ver a sistematização de todos os meios técnicos e científicos com os quais trabalha a pesquisa histórica no compêndio, muito utilizado pelos historiadores, de E. Bernheim. *Lehrbuch der historischen Methode und der Geschichtsphilosophie*, 5ª e 6ª edições, 1908; e seus correlatos francês e inglês: Ch. V. Langlois e Ch. Seignobos. *Introduction aux études historiques*, Paris, 1898, e E. A. Freeman, *The methods of historical study*, 1886; Friedrich von Bezold. Zur Entstehungsgeschichte der historischen Methodik, in *Internationale Monatschrift* VIII, 1914. Das apresentações gerais sobre o desenvolvimento das ciências históricas, devem ser citadas: Benedetto Croce. *Zur Theorie und Geschichte der Historiographie*, versão alemã de Pezzo, 1915; Morit Ritter. *Die Entwicklung der Geschichtswissenschaft*, 1919; Eduard Fueter. *Geschichte der neueren Historiographie*, München, 1911; G. P. Gooch. *History and Historians in the 19th century*, London, 1913. Mais recentemente, e com mais ênfase no contexto filosófico, ver Wilhelm Bauer. *Einführung in das Studium der Geschichte*, 1921. Dos trabalhos mais antigos são ainda hoje utilizáveis: Wachler. *Geschichte der historischen Forschung und Kunst seit der Wiederherstellung der literarischen Kultur in Deutschland*, Göttingen, 1812-1820; F. X. Wegele. *Geschichte der deutschen Historiographie*, 1885, é apenas erudito.

\* Ordem religiosa surgida na França no século XVII e responsável pela edição dos escritos patrísticos (NT).

\* Do século XIX (NT).

\*\* *Gotik*, no original. Compreende o período de vigência do estilo gótico, de meados do século XII ao fim do século XV (NT).

<sup>2</sup> Cf. meu ensaio "Die Revolution der Wissenschaft", in *Schmollers Jahrbuch* 1922. Para a expressão máxima desta crítica, vejam-se o livreto de Max Picard. *Der letzte Mensch*. Wien/Zürich, 1921; e também o singular livro de R. Pannwitz. *Die Krise der europäischen Kultur*. Nürnberg, 1917.

<sup>3</sup> Da mesma forma que E. Spranger. *Der gegenwärtige Stand der Geisteswissenschaften und die Schule*, 1922.

<sup>4</sup> A respeito, A. C. Bouquet. *Is Christianity the final Religion?* London, 1921. Aqui, a típica explicação na p. 1: "The Anglo-Saxon temperament is expansive rather than intensive, and it takes more naturally to missionary enterprise than to the examination of belief". Da mesma forma Sidney Low em seu *Governance of England*, 1916, p. 4: "We have had no revolution for two hundred years: we have

not been compelled to clean the state, or examine the foundations of belief, and we are proud of being an illogical people. So we have carefully avoided systematization; we provide for immediate necessities". Isso lembra o balanço de Burke em suas *Reflections* sobre a Revolução Francesa. Em amplos círculos mantém-se até hoje essa tendência para a associação de historicismo e livre resignação diante de momentos de transformação. Contudo, ali se percebe o historicismo na crise do cristianismo, como mostra Bouquet e, aliás, também o *Outline* de Wells. Para os Estados Unidos ver William Adams Brown. *The essence of christianity*. Edinbrough, 1904, cuja posição é próxima da de Bouquet. Uma interessante observação sobre a posição atual dos franceses em relação à idéia de uma crise geral da cultura pode ser encontrada em E. R. Curtius. *Der Syndikalismus der Geistesarbeiter in Frankreich*. Bonn, 1921. Segundo ele, o francês está pouco inclinado a reconhecê-la, seja porque ele se acha o eterno cérebro do mundo, seja porque depois a guerra ele pensa apenas em tudo reter e estabilizar e percebe a guerra como reordenação, não como crise mundial, seja porque, por princípio, ele protege a tradição, a forma e a herança latina: "Do que o francês precisa é de um máximo de obstinação, daí a grande resistência ao bergsonianismo na França de hoje" (aliás, depois de Bergson ter prestado os mais importantes serviços ao surgimento do *esprit nouveau*). Contudo não se deve, além disso, esquecer os críticos radicais, de La Rochefoucauld e Chamfort a Saint-Simon, Stendhal e os românticos modernos, pelos quais Nietzsche deixou-se inspirar. Também nos dias de hoje, pessoas como André Gide e Romain Rolland conhecem perfeitamente bem a crítica situação mundial. Veja-se também o ensaio de Paul Valéry. "La crise de l'esprit". In: *Nouv. Rev. Fr.*, agosto de 1919, que todavia Curtius considera ser um caso totalmente isolado. Em todo caso, uma crise do historicismo foi, também na França, uma crise do *esprit nouveau* da nova juventude. Esta não foi, porém, percebida como uma crise européia. Sobre o grande significado de Ernest Seillère e sua "filosofia do imperialismo", ver O. Grautoff. *Zur Psychologie Frankreichs*, 1922. Trata-se de um grande modelo histórico-filosófico que representa o imperialismo moderadamente racional da história francesa com base no *élan vital* de Bergson, e que gostaria de relacioná-lo culturalmente ao classicismo do século XVII. Relacionado a isso está a rejeição de Rousseau e do romantismo como os corruptores de uma concepção histórica sadia. Tal rejeição pressupõe uma nova consciência da filosofia da história, se bem que, de fato, não muito profunda.

Ernst Troeltsch e a história: uma introdução